

ENFRENTAMENTOS

O quarto número da **Outramargem: revista de filosofia**, dentro de sua linha editorial pautada pela divulgação de bons trabalhos e pesquisas filosóficas nacionais e internacionais, apresenta-se no atual contexto social e político do país, com o desafio histórico sempre presente para campo da Filosofia: manter vivo, ou mesmo reiniciar sempre, o pensamento livre, a reflexão crítica e rigorosa. Na especificidade de um tema, de um objeto, reside, ainda que por vezes silenciosamente, esta tarefa.

Um trabalho filosófico não faz oposição a análises políticas em formatos enviesados por noções superficiais e preconceituosas somente na explicitação e adequação de um conteúdo ao debate. Também o faz na alienação de suas temáticas que resistem as apropriações e aos interesses da grande mídia privada. É no seu afastamento frente à ideologia do “não pensar e apenas aceitar o que os outros dizem”, que a pesquisa filosófica séria enfrenta os desafios de uma sociedade bem menos politizada do que gostaríamos.

Na dinâmica entre temas que são de interesse social e multidisciplinar e as especificidades da pesquisa filosófica, abrimos esta edição com, “Um olhar sobre a Universidade brasileira”, entrevista com o professor Faustino Oncina Coves, da Universitat de València, conduzida pela professora do departamento de Filosofia da UFMG Giorgia Cecchinato. O professor Faustino aborda a relação entre modelos de universidade e as ciências humanas, além de comentar especificamente o cenário brasileiro a respeito desta questão.

Seguem-se à urgência do debate sobre a Universidade, as particularidades que resistem. É o próprio professor Faustino que agora circunscreve o debate à filosofia de Fichte, no artigo, “O ethos universitário na filosofia de Fichte: um anacronismo vivente?”.

André Queiroz de Lucena (Unifesp) escreve sobre, “O homem, a miséria e a excelência”, colocando em debate Rousseau e Pufendorf a respeito da natureza humana e do estado de natureza.

Antônio Augusto Menezes do Vale (Faculdade Católica de Fortaleza), procura em seu artigo, “A metafísica como antropologia ontológico-existencial na obra de Karl Rahner”, indicar uma relação entre antropologia e metafísica a partir de uma hermenêutica transcendental do homem.

Daniel Soares da Silva (Unifesp) em, “Wittgenstein sobre hipóteses e regras”, analisa tanto a noção de hipótese na filosofia intermediária quanto a de regra, na fase tardia de Wittgenstein, expondo ao final, alguns paralelos entre ambas.

Daniel Ribeiro de Almeida Chacon e Frederico Soares de Almeida (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), no trabalho, “O “mundo do texto” como centro da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur”, analisam a função da categoria “mundo do texto” para a compreensão de obras escritas.

No texto de Diana Piroli (UFSC), “O que expõe a teoria crítica: contradições, tensões, desenvolvimentos falhos”, temos uma análise da mudança de vocabulário nas formulações teóricas de importantes intelectuais relacionados à tradição da chamada “Escola de Frankfurt”.

O artigo de Elisângela Inocência Mattos (UFT) sobre, “O ateísmo como necessidade na obra de Holbach”, trata das relações entre religião e vida moral, onde o ateísmo se configura como uma necessidade para a felicidade.

Francisco Augusto Canal de Freitas (CEFET-MG/PUC-SP), no artigo, “Sublime abismo: os limites das faculdades no sistema crítico kantiano” discute a articulação entre as faculdades do ânimo no sistema kantiano; nas palavras do autor, “a forma de vinculação entre as faculdades não é completamente esclarecida pelo filósofo: se consiste em uma unidade fundamental ou finalística”.

Em, “Sobre a originalidade do argumento do sonho cartesiano”, Máira de Souza Borba (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), expõe as características das

ideias de Descartes no argumento do sonho, localizando as influências provenientes do ceticismo.

Já, Marcelo Fonseca de Oliveira (UFMG) com, “A glória em Montaigne, Descartes e Hume”, compara a noção de glória como uma paixão nas filosofias dos três pensadores, traçando aproximações e diferenças.

Encerrando a seção de artigos, Meline Costa Sousa (UFMG), em seu texto, “As faculdades imaginativa e estimativa”, analisa na filosofia medieval de Avicena, as ações das faculdades da alma, considerando não somente um propósito, mas também nas palavras da autora, “a posse de um órgão apropriado e a alteração causada pelo objeto peculiar a cada faculdade”.

No espírito da filosofia medieval, finalizamos esta edição com uma tradução do “Sétimo Tratado” de Avicena, realizada por Ana Paula Batista (Unifesp). Neste texto encontramos uma reflexão sobre oposições como unidade e multiplicidade que se desdobram em definições sobre identidade e diferença, diversidade, privação, etc.

Vale a pena, dentro do convite às leitoras e aos leitores para a insistência na Filosofia em mais este número da revista **Outramargem**, perguntar se não é justamente sobre alguns conceitos já tratados no medievo, que podemos retomar e continuar nossos trabalhos frente aos desafios contemporâneos que emergem como questões sociais e políticas e que não admitem, por exemplo, no caso brasileiro, qualquer tipo de adiamento ou relativização?

Por fim, deixamos um agradecimento às autoras e autores desta edição, pareceristas e colegas de trabalho, na expectativa de boas leituras e de enfrentamentos necessários!

Saudações.

Thiago Borges